

ANÁLISE DA TAXA DE TRANSPLANTES RENAI PEDIÁTRICOS DE DOADORES VIVOS E FALECIDOS, NO BRASIL, ENTRE 2014 E 2022

Congresso Online Brasileiro de Medicina, 3ª edição, de 29/11/2022 a 01/12/2022

ISBN dos Anais: 978-65-5465-003-8

DOI: 10.54265/HOLK6273

MARTINS; Maria Alice Chagas ¹, JUNIOR; Gilson Batista Sousa Junior ², SANTOS; Laura Santana Rangel dos Santos ³, RODRIGUES; Maria Eduarda Ferreira ⁴, TOLEDO; Maria Lúcia Batista Toledo ⁵, MENEZES PEREIRA; Otávio Henrique Bentivoglio de ⁶

RESUMO

Introdução: O transplante renal é o tratamento curativo preconizado para pacientes com Doença Renal Crônica (DRC) com menos de 15% de função renal preservada. As principais comorbidades associadas à Doença Renal Crônica em crianças são as malformações do aparelho urinário e as glomerulopatias. É possível obter o órgão a partir de duas fontes, doadores com morte encefálica, aprovados em protocolo específico, ou doadores vivos, sendo que pessoas não parentes do paciente podem doar somente com autorização judicial e avaliação médica, visto que há possibilidade de uma importante repercussão patológica no doador. No Brasil, 35% das crianças na fila de transplante de órgãos necessitam do rim, o que reflete a relevância em saúde pública da temática abordada. **Objetivos:** Analisar a tendência das taxas de transplantes renais pediátricos de doadores vivos e falecidos no Brasil por milhão de habitantes, entre 2016 e 2022. **Métodos:** Estudo observacional, analítico, longitudinal e retrospectivo. Obteve-se o número de transplantes renais realizados no Brasil, entre 2016 a 2022, a partir do Registro Brasileiro de Transplantes do ano correspondente. Calculou-se a taxa de transplantes (TT) por 100.000 habitantes e a tendência ao longo do tempo pela regressão linear segmentada (*Joinpoint Regression Program* versão 4.7), além das variações percentuais anuais médias (AAPCs) e seus intervalos de 95% de confiança (IC95%). **Resultados:** A análise estatística demonstrou que, de 2016 a 2019, não houve quebra de tendência na TT. Contudo, há uma tendência de decréscimo no total de transplantes, com uma variação percentual anual média de -2,33%. O ano de 2020 representou o nadir de toda nossa série histórica, com 252 transplantes, o pior valor dos últimos 7 anos e 19% menor que o ano de 2019. Há uma concentração geográfica na realização dos transplantes, com a quase totalidade sendo realizadas nos estados do RS, SP, RJ, PR, CE, MG e BA. No ano de 2021, houve uma recuperação parcial da TT, com valores próximos ao período pré-pandêmico. Contudo, ainda nesse ano, 480 crianças ingressaram a lista de espera, sendo que somente 65% destas foram contempladas, enquanto 18 outras foram à óbito na espera do tratamento. Em relação ao tipo de doador, há uma tendência mantida de em torno de 95% dos doadores serem falecidos. **Conclusões:** Conclui-se, portanto, que houve uma tendência decrescente do número de casos realizados de transplantes renais pediátricos no Brasil, quando analisado

¹ Universidade Federal de Goiás - UFG, marialicecm4@gmail.com

² Universidade Federal de Goiás - UFG, Gilsonbatistasousajr@gmail.com

³ Unifimes campus Trindade - Centro Universitário de Mineiros, lahsanran@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Goiás - UFG, eduardaeduarda@discente.ufg.br

⁵ Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-GO, marialuciabatistatoledo@gmail.com

⁶ Universidade Federal de Goiás - UFG, otaviohr29@gmail.com

de forma anual média, de 2016 a 2022. Há um provável efeito negativo da pandemia por COVID-19 na integralização dos transplantes, sobretudo quando nos tratamos do perfil pediátrico, visto que são poucos os centros especializados o suficiente para o procedimento cirúrgico e seguimento pós-operatório. O processo de captação e distribuição de órgãos foi amplamente prejudicado por medidas restritivas, a própria infecção e também por decréscimo absoluto do tráfego aéreo, o qual é fundamental para o escoamento em tempo hábil dos órgãos captados e compatíveis com o receptor. Somada à captação e à distribuição de órgãos temos também a especialização em transplante renal em pacientes pediátricos como um empecilho, visto que a concentração de núcleos de transplante em regiões acontece não somente do fato da necessidade de estrutura hospitalar adequada, mas também do baixo número de profissionais especializados em transplante renal em crianças. Uma tentativa dos próprios familiares de contornar a longa fila de espera, sobretudo, em casos cujo prognóstico é reservado, é o transplante a partir de doador vivo, apesar de carecer de compatibilidade, de aprovação médica e de, inclusive, aprovação judicial. Desse modo, parte-se de um processo invasivo e que pode trazer repercussão patológica ao doador em tentativa de suprir uma demanda que deveria ser coberta pelo sistema de saúde em si, além do aumento do custo financeiro tanto operatório, quanto pós-operatório. Além disso, no viés jurídico, a burocratização contribui para a morosidade do processo de transplante in vivo e, até mesmo, inoperabilidade do mesmo, com o aumento da desistência por parte dos doadores em razão do tempo. DEem vista de melhor compreender as esferas da saúde afetadas pela pandemia, no quesito transplantes, se mostram necessários estudos posteriores, sobretudo, com poderio analítico que possibilite traçar estratégias para retomar o tratamento adequado daqueles pacientes que carecem de uma intervenção cirúrgica o mais breve possível, a fim de diminuir a grande margem entre a lista de espera por transplante renais e número de efetivação desses transplantes, principalmente, relacionado à pacientes pediátricos.

PALAVRAS-CHAVE: COVID, RIM, TRANSPLANTE

¹ Universidade Federal de Goiás - UFG, marialicecm4@gmail.com

² Universidade Federal de Goiás - UFG, Gilsonbatistasousajr@gmail.com

³ Unifimes campus Trindade - Centro Universitário de Mineiros, lahsanran@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Goiás - UFG, eduardaeduarda@discente.ufg.br

⁵ Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-GO, marialuciabatistatoledo@gmail.com

⁶ Universidade Federal de Goiás - UFG, otaviohr29@gmail.com